

A EDUCAÇÃO CONTÁBIL COMO FERRAMENTA DE SOBREVIVÊNCIA DOS FEIRANTES DA RUA JOSÉ AVELINO

Rodrigo Barroso Araújo; Verônica Miryelle de Oliveira Ribeiro; Anne Karoline Sampaio Martins; Guipson Fontes Pinheiro Neto

(Estácio, rodrigobarrosocontador@gmail.com; miryelleribeiro@gmail.com; karolsampa@yahoo.com.br; prof.guipson@gmail.com)

Resumo do artigo: Dentre as feiras cearenses, encontra-se a Feira da Rua José Avelino, situada na cidade de Fortaleza (CE), tendo seu início marcado em 1990 e, nos últimos anos, firmou-se como a feira de confecção mais importante do estado. A pluralidade que envolve essa feira instiga pesquisadores a formular questionamentos, em especial, no tocante às suas rotinas e práticas comerciais. E também as preocupações e desafios referentes à ocorrência, manutenção e expansão dos negócios na feira existentes, inclusive acerca da sobrevivência. Assim, a presente pesquisa assumiu o objetivo geral: investigar como a educação contábil pode ajudar na sobrevivência dos feirantes para a continuação de suas atividades. Optou-se pela realização de estudo de casos múltiplos como estratégia de pesquisa, ao longo do processo de coleta de dados, realizado no primeiro trimestre de 2017, alcançando uma amostra não probabilística por meio dos critérios de acesso e disponibilidade. Para tanto, foi elaborado e aplicado um questionário destinado aos empreendedores que participam dessa feira. A técnica de Análise de Conteúdo contribuiu para o processo de análise dos dados, oriundos dos empreendedores pesquisados. Os pesquisados afirmaram que a educação contábil pode vir a contribuir de forma positiva para a continuidade de suas atividades como feirantes, dando suporte técnico e prático para que reduzam os números de erros, que conseguiriam ter um melhor controle de despesas e custos. E que, principalmente, a educação contábil poderia vir a agregar mais riquezas. Portanto, pode-se afirmar que a Feira da Rua José Avelino é um complexo comercial que requer um maior olhar da comunidade científica. Os resultados desta pesquisa sinalizam que esses empreendedores participantes da feira necessitam de orientação e direcionamento no que estão fazendo.

Palavras-chave: Educação Contábil; Empreendedorismo; Feirantes

1. INTRODUÇÃO

Observa-se que as feiras fazem parte do contexto econômico do nosso país. A população consome em grande escala e, com isso, surgem pessoas dispostas a empreender nesse mercado para suprir as demandas existentes, resultando em interações de compra e venda que movimentam a economia.

Muitos estados brasileiros possuem conhecidas feiras. E quando atentada a região Nordeste, destaca-se as feiras do estado do Ceará, esse é tido como um dos maiores polos nacionais de produtos têxteis, confecção e calçados, gerando considerável volume de emprego e renda a partir da negociação desses itens.

Dentre as feiras cearenses, encontra-se a Feira da Rua José Avelino (FRJA), situada na cidade de Fortaleza (CE), tendo seu início marcado em 1990 e, nos últimos anos, firmou-se como a feira de confecção mais importante do estado, funcionando nas madrugadas das quartas para

quintas e dos sábados para domingos, a atrair turistas, sacoleiras, comerciantes, “donas de casa” que podem comprar mercadorias para consumo próprio, bem como para revenda na capital, interior e outras localidades das regiões Norte e Nordeste, principalmente.

A pluralidade que envolve essa feira (FRJA) instiga pesquisadores a formular questionamentos, em especial, no tocante as suas rotinas e práticas comerciais e também as preocupações e desafios referentes à ocorrência, manutenção e expansão dos negócios na feira existentes, inclusive acerca da sobrevivência. Assim, a presente pesquisa assumiu o objetivo geral: investigar como a educação contábil pode ajudar na sobrevivência dos feirantes para continuação de suas atividades.

Este artigo está organizado em cinco seções a serem apresentadas. No referencial teórico são contemplados contabilidade, educação contábil e empreendedorismo como temáticas sustentadoras. Em seguida será apresentado o percurso metodológico assumido, a discussão dos resultados da pesquisa e, por fim, as considerações finais.

2. CONTABILIDADE, EDUCAÇÃO CONTÁBIL E EMPREENDEDORISMO

A Ciência Contábil já se constitui como uma importante ferramenta para entidades econômico-administrativas, por possuir métodos, procedimentos e técnicas que conseguem auxiliar empreendedores em determinadas resoluções de questões do seu dia a dia.

A Contabilidade é uma Ciência Social que estuda e explica às mutações do patrimônio das entidades. Compreende todas as variações ocorridas no patrimônio com a finalidade de controlar e gerar informação para seus usuários (RIBEIRO, 2013).

Ao conceituar essa ciência, Marion (2009, p. 08) afirma que: “a Contabilidade é o instrumento que fornece o máximo de informação útil para a tomada de decisão dentro e fora da empresa”. E tanto Marion (2009), como Ribeiro (2013) endossam que objeto de estudo da Contabilidade compreende um conjunto de elementos necessários à existência de uma entidade - bens, direitos e obrigações -, que devem evidenciar – por meio do Balanço Patrimonial e Demonstração do Resultado do Exercício (DRE) – a situação econômica financeira de uma entidade, se em lucro ou em prejuízo, num determinado período (RIBEIRO, 2013; FERRARI, 2010; MARION, 2009).

Todavia, em complemento ao conjunto de bens, direitos e obrigações que demonstram o patrimônio de uma entidade, Melo (2012) defende que na construção empresarial, a educação é um elemento indispensável. Uma vez que, segundo Melo (2012), a educação contribui para o alcance de resultados esperados, oportuniza o exercício de uma maior produtividade, poder de inovação e obtenção de vantagem competitiva da entidade frente suas concorrentes.

Quando atentado para a educação contábil, nota-se que pouco se tem trabalhado quanto o desenvolvimento do tema. Um estudo realizado no ano de 2013 na FEA/USP evidenciou que os Doutores de Ciência Contábeis, nos anos que compreende de 2005 a 2009, pouco abordaram a educação contábil em suas pesquisas. Havendo preferências por linhas de pesquisas tais como: Controladoria e Contabilidade Gerencial, Contabilidade para usuários externos, Mercado financeiro, de crédito e de capitais, são a maioria dentro do ambiente acadêmico (MIRANDA *et al.*, 2013). Isso gera uma literatura escassa, e quando pesquisadores decidem abordar o assunto educação contábil, acabam demandando por pesquisas exploratórias a contemplar temáticas complementares a esse tipo de educação, como exemplo: empreendedorismo.

O empreendedorismo, assunto em constante desenvolvimento, baliza pesquisas e vem a despertar o interesse de vários comerciantes na busca do sucesso e crescimento empresarial. A evolução socioeconômica que demanda da sociedade às transformações dos produtos e serviços, traz a tona a necessidade de não desconsiderar o empreendedorismo, muito menos a pessoa do empreendedor (HISRICH; PETERS, 2004).

Para Degen (2009), vários fatores podem levar uma pessoa a iniciar seu próprio negócio e a querer empreender: a vontade de ganhar muito dinheiro, mais do que seria possível na condição de empregado; o desejo de sair da rotina do emprego e levar suas próprias ideias adiante; a vontade de determinar seu futuro e não dar satisfação a ninguém sobre seus atos. E ainda alerta que o desemprego, o trabalho com tempo parcial e salários baixos também correspondem a outros fatores que levam a muitos a empreender. Contudo, segundo o autor, a vontade de ganhar muito dinheiro corresponde à motivação mais forte.

Motivação que pode ser minimizada perante a um problema comum enfrentado pelos empreendedores nacionais: a falta de preparo técnico (SEBRAE, 2007). A maioria desses empreendedores não possui formação escolar adequada ou se capacitam em gestão empresarial, nem planejam, o que dificulta a compreensão da linguagem dos negócios e, conseqüente, sobrevivência de seus negócios.

Diante dessas informações, faz-se relevante informar que educação contábil pode sustentar à devida gestão patrimonial dos negócios. Empreendedores, gestores, investidores precisam entender que gerir seus recursos de forma correta é essencial para conservação e continuidade das suas operações. Como defendido por Horngren, Sundem e Stratton (2004, p. 8): “independente do tipo de organização, os gestores beneficiam-se quando a contabilidade fornece informações que os ajudam a planejar e a controlar as operações da organização”. Dessa forma, a orientação dada corretamente – inclusive a Contábil –, em tempo hábil, favorece a uma decisão estratégica ao planejamento e esperado continuidade organizacional.

3. METODOLOGIA

O tipo de pesquisa assumido correspondeu ao tipo exploratório. Exploratório, por seu objeto de pesquisa, a FRJA ser um movimento contemporâneo urbano que carece de estudos científicos. Dos estudos encontrados sobre a feira, nenhum abordava o tema sobre educação contábil que mostra à falta de literatura disponível. Pesquisas do tipo exploratório geralmente se aplicam em objetos de estudo pouco explorados, que não possuem uma literatura direcionada ou específica (KNECHTEL, 2014; VERGARA, 2013; BEUREN, 2013; COOPER; SCHINDLER, 2003).

Optou-se pela realização de estudo de casos múltiplos como estratégia de pesquisa (VERGARA, 2013; BEUREN, 2013), ao longo do processo de coleta de dados, realizado entre os meses de março, abril e maio de 2017, alcançado uma amostra não probabilística de 10 pesquisados, por meio dos critérios de acesso e disponibilidade. Para tanto, foi elaborado, aplicado um questionário destinado aos empreendedores que participam da Feira da Rua José Avelino.

A técnica de Análise de Conteúdo contribui para o processo de análise dos dados oriundos dos empreendedores pesquisados. Conforme Bardin (2000), essa técnica consiste em descrever os eventos encontrados de forma sistêmica, a partir de 3 fases, nas quais são realizadas: a) pré-análise, em seguida, b) exploração dos dados coletados, caracterizando o que será aproveitado e, por fim, c) interpretações e interferências dos dados coletados de maneira a torná-los significativos para os resultados da pesquisa

Ressalta-se quando em contato com os empreendedores, questões éticas foram atentadas, como recomendado por Creswell (2007) e Cooper e Schindeler (2003), por exemplo: prestar

informações solicitadas pelos pesquisados, deixando-os à vontade para participarem ou não, fornecendo uma cópia dos resultados da pesquisa e também respeitando privacidade deles.

4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O levantamento do perfil dos empreendedores pesquisados correspondeu a um dos objetivos específicos desta pesquisa e inicia este capítulo de apresentação e discussão de resultados.

Tabela 1 – Perfil dos Pesquisados

SEXO		ESCOLARIDADE		FAIXA ETÁRIA	
CATEGORIA	FREQ. (%)	CATEGORIA	FREQ. (%)	CATEGORIA	FREQ. (%)
MASCULINO	5 (50%)	Ens. Fund. Comp.	1 (10%)	22 a 25 anos	3 (30%)
		E. Médio Incompleto	1 (10%)	26 a 29 anos	2 (20%)
		E. Médio. Completo	4 (40%)	34 a 37 anos	1 (10%)
FEMININO	5 (50%)	E. Sup. Incompleto	2 (20%)	38 a 41 anos	1 (10%)
		E. Sup. Completo	2 (20%)	42 a 45 anos	2 (20%)
				50 a 53 anos	1 (10%)
TOTAL	10 (100%)		10 (100%)		10 (10%)

Fonte: dados da pesquisa.

A pesquisa alcançou um total de 10 pesquisados, por meio dos critérios de acesso e disponibilidade. Com base em seus resultados, observa-se que existiu uma uniformidade quanto ao gênero dos participantes da pesquisa. Porém não existe uma uniformidade em relação ao grau de escolaridade desses, demonstrando que 40% possuem nível médio e os outros 60% corresponde ao nível fundamental e superior. O mesmo não acontece quanto à faixa etária, predominando aqueles com 22 a 29 anos (50%), seguidos por empreendedores com 38 a 53 anos (30%) e com 34 a 41 (20%). A maioria dos empreendedores pesquisados possui até 29 anos e revelaram que ao concluírem os estudos e influenciados pela família iniciam suas atividades na feira.

A pesquisa também evidenciou o tempo que cada empreendedor pesquisado atua na feira e se contribuem a partir da renda obtida para o custeio e manutenção de suas despesas e de suas famílias. 4 (40%) dos pesquisados trabalham há no mínimo 3 anos, mostrando que existe uma abertura para ingressos de novos comerciantes, dando à oportunidade de obter uma renda extra e contribuir para o sustento familiar. Durante a pesquisa, perguntou-se com quem os feirantes trabalhavam nos dias em que ocorriam a feira e 9 (90%) afirmaram que realizam suas atividades com familiares, apenas 1 (10%) trabalha sozinho. Conforme dados do Sebrae (2007), a renda familiar aumenta gradativamente quando o negócio envolve a família, favorecendo a um maior crescimento e desenvolvimento do negócio.

Questionados sobre quais os motivos que levaram a se tornar um comerciante da feira, dos 10 entrevistados, 9 (90%) externaram à necessidade de uma “segunda fonte de renda”. O que comprova a afirmação de Degen (2009) de que, comumente, o empreendedor sempre quer ganhar “muito dinheiro”. Contudo, houve uma resposta diferente por parte de um dos pesquisados: “tinha concluído o ensino médio, não tinha dinheiro para cursar uma faculdade, o emprego era difícil. Minha mãe já trabalhava na feira e foi lá que encontrei um meio de me manter”.

A pesquisa ainda identificou que nem sempre a renda da feira é a principal da casa, alguns feirantes possuem outras rendas (e.g.: aluguel de casas, empregos fixos com regime CLT, venda de cosméticos, outro comércio), e que, no total, as rendas se complementavam, uma suprimindo à deficiência da outra. Ao realizarem outras atividades, os feirantes apesar de não saberem, estão administrando tempo, disposição, competitividade, inovação em busca de melhorias e o resultado é visto em sua renda familiar, crescimento e sobrevivência do negócio.

Ao ser perguntado sobre o faturamento mensal, foi revelado que 6 (60%) possuem um faturamento mensal de R\$ 4.000 a R\$ 7.000, 2 (20%) possuem faturamentos de R\$ 8.000 a R\$ 11.000 e 2 (20%) um faturamento acima de R\$12.000 mil reais, ocorrendo oscilações a depender das vendas do mês. Porém, os feirantes não souberam diferenciar o que seria Faturamento de Lucro. Conforme Ribeiro (2013), Ferrari (2010), Marion (2009) e Horngren, Sundem e Stratton (2004), gerir um empreendimento, identificando as diferenças entre receitas, faturamento e lucro é imprescindível para sobrevivência do mesmo. O faturamento está associado diretamente com a Contabilidade. E a Demonstração do Resultado do Exercício (DRE) que inicia com o valor mensal, trimestral ou anual do faturamento da empresa é a demonstração que evidencia a situação econômica e financeira da empresa, apurando seu resultado e mostrando se apresenta lucro ou prejuízo (RIBEIRO, 2013; FERRARI, 2010; MARION, 2009). Portanto, os empreendedores pesquisados confundem faturamento com lucro, gerando um problema de gestão que podem prejudicar não só uma análise mais detalhada dos seus negócios, como também endossar suas limitações.

Também foi questionado se eles trabalhavam à Contabilidade do seu negócio, anotando as compras realizadas, as vendas efetuadas, verificando o controle interno e se tinham conhecimento do Balanço Patrimonial e da DRE, buscando verificar a existência de alguma forma de registro. 7 (70%) responderam que possuíam alguma forma de registro e controle através de sistemas informatizados que controlavam as vendas no atacado e varejo; planilhas eletrônicas de entradas e saídas; registros em cadernos de forma manual e o próprio

profissional de Contabilidade. Ainda esses confirmaram saber da existência do Balanço Patrimonial e da DRE, porém não sabiam a importância dos demonstrativos. Os 3 (30%) que afirmaram não trabalhar à contabilidade do negócio, apesar de afirmarem que não realizam nenhum tipo de registro contábil, executam anotações de compras e vendas mesmo que de forma primária, através de anotações em “cadernetas” específicas e que ao chegar ao final do ano, realizam um levantamento para saber o ganho anual. A relação que existe entre ter ou não registro contábil se torna frágil, pois quando analisado, todos os pesquisados realizam algum tipo de controle, uns com abordagem mais elaborada e outros não. A importância de demonstrarem um controle daquilo que trabalham deixa uma abertura para melhorias, através da Ciência Social aplicada como a Contabilidade.

Entre as várias dificuldades pelos empreendedores reveladas, destacam-se: controle interno, alta carga tributária, falta de profissionais competentes, concorrência, espaço físico e segurança. Os pesquisados conseguem enxergar suas dificuldades, reconhecem que precisam de melhorias, porém não tomam as providências necessárias.

Em complemento às questões relativas às dificuldades, foi perguntado também se eram formalizados e caso não fossem, se tinham interesse. Dos 10 entrevistados, 5 (50%) já eram formalizados. Dos não formalizados, 3 (30%) mostravam interesse na formalização, com perspectivas de crescimento, consolidação, facilidade de crédito e outros benefícios. Os outros 2 (20%) que ambos possuem nível de escolaridade superior, que entendem das práticas do mercado e como administrar um negócio afirmaram que preferiram continuar na informalidade, pois apesar de compreender as vantagens da formalização, conseguem ver mais problemas que benefícios. O principal desses motivos para a não formalização seriam a alta carga tributária, obrigações acessórias, burocratização das operações e uma redução do lucro. A afirmação concorda com a pesquisa do Sebrae (2007), ao apresentar que a alta carga tributária é um dos fatores que contribui para o crescimento da taxa de mortalidade das empresas.

Ao final foi questionado se os pesquisados reconheciam a educação contábil como uma ferramenta que os ajudassem em sua sobrevivência. Por unanimidade, todos afirmaram que sim. Cada pesquisado forneceu uma resposta diferente. Para os formalizados: a educação contábil funcionava como uma ferramenta de controle, adequação as normas fiscais, tributárias e legais, que apesar de não entenderem profundamente, sabiam que sem a presença de um profissional da Contabilidade auxiliando-os para conseguir vencer as dificuldades, dificilmente teriam conseguido se expandir e crescer o seu negócio.

Os que trabalham na informalidade afirmaram que um conhecimento primário das práticas contábeis seria de grande ajuda para controlar seus "bens", "obter mais lucro" e "entender os demonstrativos". Portanto a educação contábil se torna importante e imprescindível para esses empreendedores e seus negócios. Conforme Ferrari (2010), a Ciências Contábil serve para gerir o patrimônio e direcionar a melhor tomada de decisão alavancando o negócio, a definição condiz com as falas dos pesquisados respondendo ao que se propôs essa pesquisa.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com os resultados apresentados, uma característica marcante da pesquisa, foi constatar que grande parte dos empreendedores pesquisados ingressaram na feira para obterem uma segunda renda, e com perspectivas de ganharem muito dinheiro, uma vez que alguns feirantes chegam a faturar acima de doze mil reais. Outra característica é a maneira que trabalham a Contabilidade e de como se organizam. A Contabilidade é a ciência do patrimônio e compreende todas as suas mutações, sendo assim o ato de comprar mercadorias para posteriormente revende-las a um preço que dê retorno financeiro mostra o mínimo de conhecimento comercial. 5 entrevistados afirmaram não trabalhar a Contabilidade no seu negócio, mas de uma forma involuntária o ato de "anotar em um caderno" já caracteriza uma forma primária de controle e cuidado com patrimônio.

Ao serem questionados sobre o interesse em se formalizarem, seja como MEI, ME ou EPP mostram interesse, mas sempre com receio. O medo está associado principalmente às dificuldades apresentadas; alta carga tributária, controle interno, processos burocráticos e a possível redução nas margens de faturamento. Entendem que deixam de obter benefícios, mas que não estão dispostos a correrem o risco.

A educação contábil foi abordada como finalização da pesquisa, perguntando diretamente aos feirantes se a reconheciam como uma forma que pode contribuir para a gestão de seus negócios. Todos afirmaram que sim, que a educação contábil pode vir a contribuir de forma positiva para as atividades dos feirantes, dando suporte técnico e prático para que reduzam os números de erros, que conseguiriam ter um melhor controle de despesas e custos e que principalmente a educação contábil poderia vir a gerar e agregar mais riquezas.

Portanto, pode-se afirmar que a FRJA é um complexo comercial que requer um maior olhar da comunidade científica. O fato de termos identificados problemas reforça o quanto esses empreendedores necessitam de orientação e direcionamento no que estão fazendo. Para finalizar sugere-se como abordagem de pesquisas futuras o comportamento do Governo como

órgão regulador frente aos interesses dos feirantes e sua geração de emprego e renda contribuindo para a economia da região.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Rio de Janeiro: Edições 70, 2000.

BEUREN, I. M. **Como elaborar trabalhos monográficos de contabilidade**. São Paulo: Atlas, 2013.

COOPER, D. R.; SCHINDLER, P. S. **Métodos de pesquisa em administração**. 7. ed., Porto Alegre: Bookman, 2003.

CRESWELL, J. W. Estratégias de redação e considerações éticas. In: CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa qualitativa: métodos qualitativos, quantitativos e misto**. Porto Alegre: Artmed/ Bookman, 2007. cap. 3, p. 64-83.

DEGEN, R. J. **O Empreendedor: empreender como opção de carreira fundamentos da iniciativa empresarial**. São Paulo Makron Books, 1989.

FERRARI, E. L. **Contabilidade geral: teoria e 1.000 questões**. 26.ed. Rio de Janeiro: Impetus, 2010.

HISRICH, R. D.; PETERS, M. P. **Empreendedorismo**. 5.ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

HORNGREN, C. T; SUNDEM, G.L; STRATTON, W.O. **Contabilidade Gerencial**. 12 ed. São Paulo 2004.

KINECHTEL, M.R. **Metodologia de pesquisa em educação: uma abordagem teórico-prática dialogada**. Curitiba: Intersaberes, 2014.

MARION, J.C. **Contabilidade Básica**. 10ª ed. São Paulo: 2009.

MELO, A. A educação Básica na proposta da Confederação Nacional da Indústria nos anos 2000. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v.38, n.1, p.29-45, 2012.

MIRANDA. J.G; SANTOS. L.A.A; CASA NOVA. S.P.C.; CORNACCHIONE JÚNIOR, E.B.. A pesquisa em Educação Contábil: Produção Científica e Preferências de Doutores no Período de 2005 a 2009. **Revista de Contabilidade Finanças, USP** - São Paulo, v.24, n 61, p75-88, abril 2013.

RIBEIRO, O.M. **Contabilidade Geral Fácil**. 9.ed. São Paulo: Saraiva 2013.

SÁ, A.L. **Teoria da Contabilidade**. 5.ed. São Paulo: Atlas 2010.

SEBRAE. Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Fatores condicionantes e taxas de sobrevivência e mortalidade das micro e pequenas empresas no Brasil: 2003-2006**. Brasília, DF, 2007. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br>>. Acesso em 14/04/2017.

VERGARA, S.C. **Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração**. 14.ed. São Paulo: Atlas, 2013.

